

Investigação médica em Portugal: ilustrações e lições[§]

Investigative medicine in Portugal: illustrations and lessons

Maria de Sousa*

Abstract

The XXIst century will perhaps be the first century, in the History of Medical Science in Portugal, when Portuguese biomedical researchers will be able to dedicate their lives to doing research recognised internationally, in the country. A number of developments in the last half of the XXth century, including the creation of Associate Research Laboratories in the final years, nurture the hope of that possibility. The present paper reviews the fate of men like Amato Lusitano and Zucato Lusitano in the XVIIth century and Casro Sarmiento and Ribeiro Sanches in the XVIIIth century, who distinguished themselves as medical doctors and researchers abroad, after being excluded from the country.

In 2001, the Minister for Science and Technology asks F Lopes da Silva, a Portuguese Neuroscientist holding a Chair in Amsterdam University, to prepare the outline for a National Institute for Biomedical Research. A gesture, in my opinion, reminiscent of Pombal, who in 1730 asked Castro Sarmiento to prepare a document on the Reform of the Medical Faculty in Portugal. Scientific productivity in the Health Sciences has increased significantly in Portugal in the last years of the XXth century. The number of young men and women doing PhDs has also increased.

We must, however, not forget that not long ago, in 1941, Augusto Celestino da Costa, concluding a Report on Research, manifested his trust that "every time there are Masters and a minimum of working conditions, a brave and gifted youth appears dying to work". That "The State is no longer indifferent to Science and I firmly believe that it will do all that is necessary for its development, in order that scientific establishments will have personnel and the required materials. Thus, this country will make itself respected for its Science entering definitively the group of the more developed nations." In 1947, for political reasons,

Costa and others were removed from their teaching and research positions in several Science and Medical Faculties under the laws of Oliveira Salazar's dictatorship. Today, as University Professors, we still hold the power to dictate the fate of our "brave and gifted youth dying to work." (Costa, 1942). This is thus a paper written in hope, but not forgetting or without concern, for the future of Medical Research in this country.

Em primeiro lugar gostaria de agradecer à Sociedade Portuguesa de Medicina Interna, na pessoa do seu Presidente Dr. Soares de Sousa, o convite para participar nesta jornada sobre investigação científica em Medicina. O primeiro pedido que me fez foi para vos dar uma perspectiva histórica da matéria. Reagi a essa primeira proposta com aquilo a que em inglês se chama "mixed feelings" que se traduz talvez melhor para português por sentimentos contraditórios. Os investigadores adquirem defeitos de formação que os limitam muito. Eu seria incapaz de vos dar uma perspectiva histórica sem primeiro ter estudado História com alguma profundidade, aprender os seus métodos, ter acesso a fontes relevantes, ter de reconhecer que infelizmente em Portugal grande parte das fontes estão em arquivos pessoais, talvez dispersos em livros e revistas ou em memórias por escrever. Sentimentos contraditórios também porque o assunto é um assunto que de facto me interessa e nos deveria interessar a todos.

Como repetidamente se diz por escrito na cultura judaica, "*Os nossos futuros têm as suas raízes nos nossos passados/ A nossa herança do passado inspira-nos a progredir com fortaleza e visão*"¹. Por vezes, com mais fortaleza que visão, como todos sabemos.

Voltando ao convite do vosso Presidente, chegámos a uma solução de compromisso: faria uma brevíssima introdução histórica, necessariamente insuficiente, e dar-vos-ia algumas ilustrações baseadas no trabalho que fiz entre 1987 e 1999 como co-ordenadora da Comissão de Coordenação da Investigação (CCI) científica em Ciências da Saúde, primeiro na JNICT e depois na Fundação para a Ciência e Tecnologia. Procuraríamos tirar algumas lições para o futuro destes três tempos do passado e do passado mais recente da investigação científica em Portugal.

Sec.XVII: Amato Lusitano

Porque talvez uma das primeiras figuras da Medicina portuguesa seja Amato Lusitano (Fig.1), procuraremos analisar brevemente a sua vida. Nasceu em 1511, em Castelo Branco, João Rodrigues de Castelo Branco. Estudou Medicina em Salamanca, onde se formou em 1530. Trabalhou durante um tempo em Lisboa, donde acabou por sair para Antuérpia, como resultado das dificuldades impostas pela Inquisição aos médicos judeus. Durante sete anos praticou Medicina e publicou. **Publicou**: a primeira palavra chave em matéria de investigação. Ao fim de uma

[§]Lição de abertura do Curso de Introdução à Investigação Clínica organizado pela Direcção da SPMI, realizado em Coimbra, em 20/10/01

* Directora do Departamento de Patologia e Imunologia Molecular Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar, Universidade do Porto
Recebido para publicação a 14/12/01

vida errante, primeiro por Ferrara, depois Ancona, Roma, Ragusa, Salonica, etc., pensa-se que morreu a combater a peste em Salonica, em 1568². Publicou várias obras e um Juramento, que penso vale muito a pena ler hoje pela sua actualidade. No que se refere à publicação dos seus trabalhos, diz:

*“Publiquei os meus trabalhos médicos não por ambição, mas para que pudesse de algum modo fazer progredir o estado da saúde humana; deixo a outros julgarem se consegui; tal foi sempre o meu desejo que teve sempre o lugar mais importante nas minhas orações”*³.

Estamos num século em que a saída de Portugal de alguns dos nossos melhores cérebros foi provocada. Não saíram de sua livre vontade. Saíram por serem judeus e terem sido forçados a sair. Contam-se na companhia de Amato Lusitano, Zacuto Lusitano (1575-1642) (Fig.2), autor de 77 aforismos também da maior modernidade, e Garcia de Horta. Estamos portanto no sec XVII.

O século que viu aparecer a microscopia, com Malpighi (1628-1694) e van Leewenhoek (1632-1723), e, portanto, o emergir duma nova percepção da estrutura dos tecidos e dos pequenos animais⁴.

Secs XVIII e XIX

Devo confessar que sei pouco sobre a investigação científica em Medicina em Portugal nos séculos XVIII e XIX. Como imunologista, para mim, o século XVIII é o século de Edward Jenner (1749-1823) e da vacinação, e de Bichat (1771-1802), cuja contribuição para a compreensão da doença foi notável, apesar da sua breve vida de 31 anos. Em Portugal reinava o chamado “despotismo esclarecido” liderado pelo Marquês de Pombal. Nomes portugueses distintos da Medicina reconhecidos internacionalmente incluíram Castro Sarmiento, em Inglaterra, e Ribeiro Sanches, primeiro na Rússia e depois na França. Ambos foram consultados pelo Marquês de Pombal. O primeiro, em 1730, sobre o modo de reformar a Faculdade de Medicina. A pedido expresso do Marquês, Ribeiro Sanches escreveu uma obra intitulada “Método de como aprender o estudo da Medicina”⁵.

No resto do mundo, o século XIX, sobretudo o fim do século XIX, é um tempo em que a Anatomia Patológica, o uso do microscópio e do estetoscópio vão contribuir decisivamente para a melhoria do diagnóstico. Com Virchow (1821-1905), passamos a perceber a importância da célula como unidade de desenvolvimento da doença. Com Pasteur (1821-1895), no fim do século XIX melhora também a capacidade de prevenção da doença com a imunização em larga escala. Em Portugal, criam-se as Escolas Médico-Cirúrgicas, mas o investimento na investigação científica é escasso⁵.

Sec. XX: anos quarenta

O século por que mais me tenho interessado é, no entanto, o sec XX. No princípio do sec XX, em 1906, nasce a Sociedade Portuguesa de Ciências Naturais de um voto do



XV Congresso de Medicina⁶, o que indica que, pelo menos, houve 14 Congressos nacionais de Medicina no sec XIX.. A proposta é feita por dois investigadores alemães, mas está por exemplo presente nesse Congresso Ramón y Cajal que é premiado com o Prémio Nobel nesse mesmo ano⁷.

A criação da Sociedade Portuguesa de Ciências Naturais pareceu-me de salientar. As Actas do primeiro Congresso Nacional das Ciências Naturais que teve lugar em 1941, publicadas em 1942, contêm contribuições de alguns dos mais importantes investigadores médicos portugueses, nomeadamente, Marc Athias e Augusto Celestino da Costa, lado a lado com investigadores em outros ramos da Ciência como Torre de Assunção, Flávio Resende, António da Câmara e Orlando Ribeiro, reflectindo uma vibrante atmosfera de pluridisciplinaridade. A primeira Sessão plenária é como a da reunião hoje da Sociedade Portuguesa de Medicina Interna sobre Investigação Científica. A conferência de abertura dessa primeira sessão plenária foi feita por Torre de Assunção e colaboradores⁸. O tópico é “Investigação científica”, Augusto Celestino da Costa⁹ contribui com uma conferência sobre Intercambio Científico; estamos em 1941. Esta vibrante atmosfera de pluridisciplinaridade advem de um acreditar por esses homens notáveis no presente que estavam a viver e na capacidade dos jovens que se lhes iriam seguir e já se adivinhavam em 1941. O parágrafo final



O Conselho de Ministros deliberou, em sessão de 14 de Junho de 1947, considerar abrangidas no artigo 1.º do decreto-lei n.º 25317, de 19 de Maio de 1936, devendo consequentemente ser aposentados (ou definitivos, se não tiverem direito a aposentação), os seguintes professores:

Dr. Mário Augusto da Silva, professor catedrático da Faculdade de Ciências de Coimbra.

Dr. Augusto Feres Celestino da Costa, professor catedrático da Faculdade de Medicina de Lisboa.

Dr. João Cândido da Silva Oliveira, idem, idem.

Dr. Francisco Palido Vazante, idem, idem.

Dr. Fernando da Correição Fonseca, idem, idem.

Dr. Adélio José da Costa, idem, idem.

Dr. José Henrique Casção de Avelãs, professor extraordinário da Faculdade de Medicina de Lisboa.

Dr. Carlos Terra do Terra da Assunção, professor catedrático da Faculdade de Ciências de Lisboa.

Dr. Flávio Ferreira Pinto Rosenda, idem, idem.

Bacharel António Augusto Ferreira do Macedo, professor catedrático do Instituto Superior Técnico.

Engenheiro Arnaldo Paes de Carvalho, idem, idem.

Licenciado Manuel Augusto Zaluar Neves, professor catedrático, interino, do Instituto Superior de Agronomia.

Dr. João Remy Teixeira Figueira, professor extraordinário, interino, do Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras.

Presidência do Conselho, 14 de Junho de 1947. —
Presidente do Conselho, António de Oliveira Salazar.

da contribuição de Augusto Celestino da Costa parece-me particularmente esclarecedor da atmosfera que se deveria viver nesses anos.

Diz assim:

“Vêmos em quasi tôdas as Ciências que, sempre que há Mestres e um mínimo de condições, surge uma mocidade corajosa, prendada e desejosa de trabalhar. Temos obrigação de estimular essa mocidade, de a ensinar, de a amparar na sua marcha, de procurar resolver os seus problemas de vida de forma a que se não produzam ou desapareçam certas condições actuais, ainda trágicas para alguns moços investigadores que lutam na esperança, embora nada de positivo se lhes ofereça. O Estado, que já soube criar instituições essenciais, deixou de ser indiferente às coisas da Ciência e eu tenho a firme convicção de que fará tudo quanto fôr preciso e que todos os ramos da actividade nacional encontrarão, como a Agricultura, a base científica necessária para o seu desenvolvimento, que aos estabelecimentos científicos serão dados o pessoal e o material de que precisam, que êste país se fará respeitar pela sua Ciência e que entrará definitivamente no

*grupo das nações mais cultas. Com este acto de fé quero terminar êste relatório.”*⁹

Eles próprios muito jovens, tinham criado novos Institutos de Investigação nas Ciências Básicas ligadas à Medicina dentro da Faculdade de Medicina de Lisboa. Celestino da Costa criou com 27 anos o Instituto de Histologia e Embriologia. Marc Athias aos 35 anos cria o Instituto de Fisiologia. Sílvio Rebello aos 32 anos cria o Instituto de Farmacologia e Terapeutica Geral. Refiro o que se passou em Lisboa porque desde este Verão temos o privilégio de poder contar com o testemunho escrito desse tempo num livro publicado por Jaime Celestino da Costa numa Editora dedicada a livros de divulgação científica, a Gradiva¹⁰. Que eu saiba não há nada comparável escrito em forma de livro com uma divulgação alargada por professores das Faculdades de Medicina do Porto ou de Coimbra. Como comecei por dizer, no entanto, a minha formação científica

na área da História da investigação médica em Portugal é deficiente. A experiência pessoal dos Institutos em que trabalho no Porto não me pode deixar de fazer referência a Abel Salazar, Aurélio Quintanilha e Corino Andrade.

Com o auxílio de amigos na área da História Política vim a ter acesso ao que aconteceu a alguns dos investigadores que participaram nesse histórico I Congresso. Por deliberação, agora não de uma Inquisição, mas de um Conselho de Ministros presidido por António de Oliveira Salazar (Fig. 3). A deliberação foi tomada em 14 de Junho de 1947, ao abrigo do artigo 1º do decreto lei-25:317 de 13 de Maio de 1935¹¹.

“Os funcionários ou empregados civis ou militares, que tenham revelado ou revelem espírito de oposição aos princípios fundamentais da Constituição Política ou não dêem garantia de cooperar na realização dos fins superiores do Estado, serão aposentados ou reformados, se a isso não tiverem direito, ou demitidos em caso contrário”.

Estamos em 1947. A descrição do que aconteceu no terreno é de Jaime Celestino da Costa¹⁰:

“Em 1947, a PIDE invadia a Faculdade, numa acção vexatória para professores e alunos... As demissões de professores universitários de várias escolas, de oficiais do exército e da marinha, etc., foram um odioso crime contra a educação e a cultura. Celestino da Costa, Cândido de Oliveira e Dias Amado nas cadeiras básicas; toda a escola de Pulido Valente e Adelino da Costa nas clínicas. Houve algumas integrações, mas nenhuma na Medicina Interna.”

O que ditou o que aconteceu no terreno está ilustrado na Fig. 3.

Alguns de nós e os pais da maioria de vós já eram nascidos. Talvez vos tenham contado, ou não. Eu gostaria que não esquecessem esta data a partir desta manhã.

Porque a tendência em Portugal é não escrever, e não partilhar com a cultura judaica a firme convicção de que o futuro tem a sua raiz no passado, cada vez que se vive uma atmosfera nova de tristeza ou alegria, com excepção talvez dos desafios de futebol internacionais, pensa-se que é a primeira vez que ela está a acontecer.

Desde Abril de 1974 e, sobretudo, desde que Portugal aderiu à União Europeia, vive-se uma atmosfera de algum entusiasmo e interesse pela Ciência no país comparável talvez à dos anos 40.

Embora o critério de contribuição para a progressão da saúde só possa continuar a ser o trabalho publicado, como nos dizia Amato Lusitano, há quase 500 anos, a forma de saber quem, onde e quanto se publica mudou radicalmente com a disponibilidade das bases de dados do ISI.

Sec XX: os anos 80 e 90.

Chegamos finalmente ao passado recente em que eu própria estive envolvida, por ter contribuído para a implementação da prática da avaliação externa de projectos

de investigação individuais na área das Ciências da Saúde, em 1987, seguindo as linhas de conduta do então presidente da JNICT, José Mariano Gago e, mais tarde, aplicando as mesmas linhas de conduta à análise, em 1991, de projectos de novos Institutos de Investigação¹².

O que tem acontecido a Portugal em algumas áreas da investigação científica nas Ciências da Saúde aparece agora em números e gráficos esclarecedores¹³. Olhando para a produção total, em todos os ramos da Ciência, em comparação com as publicações em toda a União Europeia, a curva de Portugal é invisível na escala imposta pela produção científica na União Europeia. Olhando, no entanto, os resultados à escala nacional, há uma visível modificação. Para tirarmos algumas lições destes gráficos, eu gosto de comparar não só o número de artigos publicados mas o número de citações que esses artigos vão ter. As áreas que escolhi são a Biologia Molecular e Genética, a Imunologia, Investigação em Cancro, Medicina Geral e Medicina Interna, as Neurociências, a Neurologia (*Quadro I*). Na minha leitura, a variação nos impactos de citação representam diferentes paradigmas.

O paradigma do impacto do exodo: Imunologia. O paradigma do difícil retorno: a Neurologia. O paradigma “ideal”: a Biologia Molecular e Genética, e o caso da Medicina Interna. Penso que o caso das Neurociências pode reflectir o êxito a longo prazo da criação de Institutos de Farmacologia e Histologia dentro das Faculdades e o aparecimento, no fim dos anos 60, do Instituto Gulbenkian de Ciência. Analisados um a um, os artigos que contribuem para os impactos de citação altíssimos vistos na área da Medicina Interna, reflectem em parte o seu pequeno número. A grande maioria dos artigos mais citados são de trabalhos feitos com outros grupos em redes ou acções concertadas europeias, envolvendo em muitos casos mais de 10 grupos (*Quadro I*).

Como no tempo do Marquês, o Ministro da Ciência e Tecnologia pediu a um Português notável no estrangeiro, o professor Fernando Lopes da Silva, que escrevesse a sua proposta, agora não da criação de uma Faculdade de Medicina, mas de um Instituto Nacional de Investigação Biomédica¹⁴. Como em 1941, *“surge uma mocidade corajosa, prendada e desejosa de trabalhar”*. Na área das Ciências da Saúde foram atribuídas 557 bolsas de doutoramento entre 1994 e 2000 (*Quadro II*). *“Temos obrigação de estimular essa mocidade, de a amparar na sua marcha, de procurar resolver os seus problemas de vida,” etc.* Uma diferença significativa entre os anos quarenta e os anos 2000 é que numerosas *moças* investigadoras pertencem hoje a essa mocidade prendada e desejosa de trabalhar.

*“O Estado que já soube criar instituições essenciais, deixou de ser indiferente às coisas da Ciência”*¹⁹ Muitas das Instituições criadas no princípio do século estavam “adormecidas” no princípio dos anos 90. Em termos de investigação científica em Biomedicina o exemplo de continuidade e modernização dado pelo Instituto de His-

Área	Ano	Instituições de ensino	
		Europa	Portugal
Anatomia Normal	81-85	117	06
	86-90	155	1077
	91-95	108	150
	96-99	61	90
		50	150
Imunologia	81-85	61	19
	86-90	69	19
	91-95	66	1
	96-99	75	56
		60	56
Biofísica & Citologia	81-85	67	16
	86-90	87	11
	91-95	96	17
	96-99	105	66
		109	66
Microbiologia	81-85	67	16
	86-90	69	16
	91-95	57	16
	96-99	65	19
		67	16
Neurologia	81-85	199	16
	86-90	105	11
	91-95	175	60
	96-99	176	16
		11	16
Oncologia	81-85	69	16
	86-90	79	150
	91-95	88	11
	96-99	67	75
		67	56

País	N	Curso	Curso
		(Euros 10 ⁴)	(US \$)
Austria	1	15.540	71.134
Bélgica	4	12.808	58.218
Dinamarca	6	56.486	256.755
Finlândia	1	4.850	21.955
Frância	45	402.844	1.831.107
Alemanha	12	79.146	359.755
Itália	3	17.786	80.845
Irlanda	1	3.199	14.539
Holanda	34	385.955	1.754.339
Noruega	1	11.809	53.677
Portugal	237	1.121.514	5.097.790
Espanha	12	45.941	208.823
Suécia	15	144.815	658.250
Suíça	3	27.299	124.086
UK	101	1.101.237	5.005.621
Canada	7	69.654	316.607
USA	74	654.070	2.973.045
TOTAL	557	4.155.041	18.886.549

tologia e Embriologia criado por Augusto Celestino da Costa é talvez a grande exceção. As novas Instituições criadas nos últimos dez anos acreditam em si próprias e ao mesmo tempo debatem-se com incertezas. Este texto poderia terminar com as palavras de Augusto Celestino da Costa, com fé “*que aos estabelecimentos científicos serão dados o pessoal e o material de que precisam, que este país se fará respeitar pela sua Ciência e que entrará definitivamente no grupo das nações mais cultas*”⁹.

Porque aprendi alguma História com a preparação deste texto, em verdade não o posso fazer. Não consegui, por exemplo, confirmar se o Decreto-lei 25:317 foi revogado. É impensável que nos próximos cinco anos uma Polícia Política entre nas novas instituições de investigação científica e demita os professores que se bateram por elas. Mas já não é, no entanto, improvável que a própria Universidade se queira apropriar delas em moldes que na prática poderão vir a desvirtuá-las.

A alma da Ciência é a pergunta. A alma da Medicina é a resposta.

A alma dos grandes Institutos de Investigação é a liberdade

de perguntar e deixar perguntar. A alma das Faculdades de Medicina, no Sul da Europa, ainda não é bem assim.

Compreende-se bem que para um ditador o investigador constitua uma ameaça, porque faz perguntas, porque duvida até que o resultado do experimento o esclareça. Só por decreto-lei e uma polícia tentacular é que se sabe com certeza o que vai acontecer. Porque o poder de ditar, de impôr e de efectuar o que se decidiu estão todos numa só instância.

No entanto, os grandes avanços nas respostas que hoje trazemos aos nossos doentes vêm do mundo daqueles que fazem perguntas em liberdade.

Se de facto querem saber a minha perspectiva histórica da investigação científica ela é a seguinte:

A investigação científica é e tem sido sempre perguntar com instrumentos. A imaginação no colete de forças do rigor, da observação, da matemática, da estatística, da humildade de admitir que sabemos muito pouco e que não podemos influenciar os resultados, mas analisá-los com inteligência. Uma educação científica conduz sobretudo a não temer que não se sabe e a reconhecer, sem nos sentirmos ameaçados, que outros sabem mais do que nós. A investigação científica é precisamente o oposto da tranquilidade de que tanto hoje se fala em política¹⁵. É um certo desasossego vindo do duvidar com abertura para aceitar a evidência da prova, a opinião dos nossos pares, o julgamento do tempo e a crítica dos mais novos.

Na prática da Medicina Interna, hoje, como sempre, deve ser obrigação do médico colher sistematicamente dados que lhe permitirão semear perguntas, e em equipas cada vez mais, necessariamente multidisciplinares, encontrar respostas. E publicar, sem o que “não haverá progresso na qualidade da saúde humana”¹⁸, nem conhecimento de passados que assegurarão a sabedoria da acção no futuro.

Agradecimentos - Quero deixar expresso o meu reconhecimento a PL Oppenheimer por me ter oferecido o livro de Feingold (ref.1), às senhoras doutoras Rosário Costa e Olga Martinho pelos dados apresentados nos Quadros I e II e a Sofia Preto pela sua ajuda na preparação das ilustrações e do manuscrito.

Bibliografia

1. Feingold AJ. “Three Jewish Physicians of the Renaissance”. The National Goldman Museum of the Jewish Diapora, Tel Aviv, Israel 1996.
2. Amatus Lusitanus, in ref 1- 8.
3. Amatus Lusitanus (1511-1568). Juramento, in refs 1 and 2
4. Dobell C. “Antony van Leeuwenhoek and his little animals”.Russell & Russel, New York 1958.
5. Oliveira Marques AH História de Portugal 1972.
6. Athias M “A Sociedade Portuguesa de Ciências Naturais (Notas históricas)” in Actas do Primeiro Congresso Nacional de Ciências Naturais1942; 6-17.

7. Cultures of Creativity. Catalogue of The Centennial Exhibition of the Nobel Prizes , Stockholm, Sweden 2001.
8. Torre de Assunção CF, Gonçalves da Cunha A, Frade F. “A Investigação científica” in Actas do Primeiro Congresso Nacional de Ciências Naturais 1942; 3-10.
9. Celestino da Costa A “O intercâmbio científico”. In Actas do Primeiro Congresso Nacional de Ciências Naturais 1942;10-18.
10. Celestino da Costa J. 2001 “Um certo conceito de Medicina, Grádiva, Lisboa
11. Diário do Governo, Segunda-feira 13 de Maio de 1935, Presidência do Conselho, Decreto-lei nº 25:317.
12. De Sousa M. “Towards a profile of research and researchers in Health Sciences in Portugal”, in “Perfil da Investigação Científica em Portugal”, Observatório para a Ciência e Tecnologia (OCT), Lisboa 1999.
13. De Sousa M, Martinho O. “What to do with time and greatness”, in Monteiro, F., Tavares, A, Cardoso, A & Glatzner, M (eds), Portugal strategic options in the European Context. Lexington Books, *in press* 2002.
14. Lopes da Silva F. Instituto Nacional de Investigação Bio-Médica. Proposta para a sua organização. Documento apresentado ao Ministro da Ciência e Tecnologia em 22 de Setembro de 2001.
- 15 Este texto foi preparado em Agosto de 2001. Confrontado com a evidência dos resultados das eleições autárquicas em 17 de Dezembro do mesmo ano, o Primeiro Ministro, que se mantivera tranquilo durante anos, demitiu-se.